

Nº 06 • ANO II • R\$ 3,00

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



MAIS:

- Visagens no Centur

- O Dia do Descanso
(BAIXO AMAZONAS-PA)
- A Serra da Velha Pobre
(ALMEIRIM-PA)
- O Tesouro do Rei Salomão
(PRAINHA-PA)
- A Maldição da Sexta-feira
(PORTO DE MOZ-PA)
- 13: O Número da Traição e do Azar
(AMAZÔNIA)

WALCYR MONTEIRO

SGC-39592
-J4602-



Walcyr Monteiro no traço de J. Bosco

*Para Maria e Márcio Xpiranga Monteiro,
o n.º 6 de*

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



*Com o apoio do
Salvador*

Walcyr Monteiro

Manaus, Outubro

2.000



"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

*Am 17
1464
ex. 2*

Banca de Revista

News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

PAPELARIA DINIZ

TUDO EM MATERIAL ESCOLAR,
DE ESCRITÓRIO, INFORMÁTICA
E ARTIGOS PARA PRESENTES

LOJA 1: RUA 13 DE MAIO, 510 - TEL.: 241-0243

LOJA 2: SHOPPING IGUATEMI, 1º PISO
LOJA 110 - BELÉM - PARÁ

SOS ROUPAS

DE MARIA DE NAZARÉ LAMARÃO CORRÊA
e
MARIA DA GRAÇA LAMARÃO CORRÊA

Antes de fazer reformas e consertos
de roupas, confecções de batas, jalecos etc...
consulte nossos preços!

Rua Domingos Marreiros, 266 - Telefones: 224-2553 • 982-4024 • 988-5143

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia

Nº 06 – Ano II – Novembro / 1999

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das Histórias: J. Bosco • Capa: Augusto Henrique (com ilustrações de J. Bosco e João Bento) • Editoração Eletrônica: Augusto Henrique • Revisão: Paulo Corrêa • Impressão: Imprensa Oficial do Estado. • Correspondências: Caixa Postal 1563 - Belém-PA - CEP: 66017-970

Fone: (0xx91) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br

Bate-papo com o Leitor



Em junho p.p., recebi convite da professora Maria do Socorro Simões para proferir palestra em um encontro a ser realizado no mês seguinte. Não era ape-

nas mais um convite entre as centenas que recebi e recebo para palestras nos mais diversos locais e eventos. Era para participar do III Encontro do IFNOPAP (que diabo é isto? perguntará angustiado o leitor e que me apresso a traduzir) - **Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense**, projeto da Universidade Federal do Pará - UFPA - que ela coordena com muita competência.

Aliás, a professora Maria do Socorro Simões foi a primeira a utilizar um texto meu em sala de aula, isto nos idos de 1972, quando trabalhou com seus alunos o conto "Profecia para um Médico", publicado na série *Visagens e Assombrações de Belém*, em *A Província do Pará*, no dia 21 de maio daquele ano. O fato mereceu destaque de *A Província*, que publicou em primeira página na edição de 18 e 19 de junho.

O III Encontro IFNOPAP - "Memória e Comunidade: Entre o Rio e a Floresta" foi um evento singular. Pra início de conversa, não se realizou

em um local fixo. - Cumantão? Sairam andando por aí? perguntará de novo o curioso leitor. E eu respondo: Isto mesmo. O encontro deu-se a bordo do NM (pra quem não sabe, NM significa "Navio Motor" ou "Navio Motorizado") Catamarã Pará, pilotado pelo Comandante Ramide. Saiu de Belém, dia 23 de julho, foi a Santarém (e pela estrada os participantes visitaram Alter-do-Chão), depois a Monte Alegre (onde foram escaladas serras com gravações rupestres, destacando-se a do Ererê) e de lá se retornou a Belém, chegando nesta cidade a 29.

Palestras e mais palestras, conferências, mesas-redondas, painéis, comunicações, oficinas, exibição de filmes, égua, sumano! aconteceu de um tudo no tal encontro. E isto de manhã, de tarde e de noite. Além de professores e alunos da UFPA, participaram professores da USP, da UNICAMP, da UNB, da UFPB, da UFCE, da URPE e até do estrangeiro. Só cobra criada! Foi, sem trocadilho, um encantamento só, tudo muito paid'égua! De parabéns a professora Socorro Simões e sua valorosa equipe (é muita gente, não dá pra citar tantos nomes aqui), o IFNOPAP (ô siglazinha complicada!) e a UFPA. Espero que o projeto vá de vento em popa para o engrandecimento da Cultura Amazônica!

Ah! Me empolguei tanto com o encontro que quase esqueci de dizer o que fiz lá. Pois é, eu também apresentei um trabalho - e já que o negócio era com "imaginário" - intitulado "Influência Bíblica no Imaginário Amazônico", constituído das quatro primeiras histórias, às quais acrescentei mais uma e compõem este número 6 de Visagens, Assombrações e

Encantamentos da Amazônia.

A seção "Deu no Jornal..." segue na mesma linha de trabalho e publica trecho de reportagem sobre a sexta-feira, 13.

Leia as demais seções sempre com noticiário sobre as atividades de instituições, escolas e professores que trabalham com as nossas lendas, mitos, visagens, assombrações e encantamentos... Continuemos com este trabalho! "Resistência cultural" é a palavra de ordem para não sermos "engolidos" pela globalização e possamos continuar com a nossa identidade de amazônidas!

Amigo anunciante, amigo professor, amigo leitor, muito agradeço a maneira que esta publicação tem sido prestigiada e as suas mensagens atendidas. É realmente muito estimulante!

Até o número 7, com o abraço do tamanho da Amazônia do

Walcyr Monteiro

ILUSTRAÇÕES: Foram feitas por J. Bosco (João Bosco Jacó de Azevedo), caboclo papa-chibé de Belém do Grão Pará, 38 anos de idade e 17 de profissão. Começou como diagramador e ilustrador. Atualmente trabalha em "O Liberal", de onde é chargista há 11 anos.

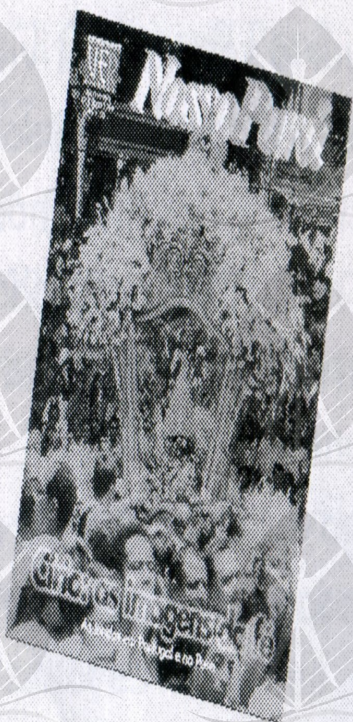
Livros publicados: "QUAL É A GRAÇA" (cartuns negros), "A INSUPORTÁVEL LERDEZA DO SER" (charges sobre o governo Itamar).

Publicações em jornais e revistas: Veja, Bundas, PQP, Jornal da ABI, entre outros.

Participações em salões internacionais: Japão, Itália, Bélgica, Croácia, Irã, EUA e Turquia.

Entre os muitos prêmios que recebeu, destacam-se: 1º lugar no Salão de Pernambuco (1984), 1º lugar no Salão de Volta Redonda, Rio de Janeiro (1996), 3º lugar no Salão de Brasília (1999) e 3º lugar em caricatura no Salão Internacional de Ranan Lurie, EUA (1994). Como se vê, J. Bosco brilha e faz brilhar o Pará além de nossas fronteiras...!

Duas edições para você ler e se encantar



Círio: as imagens da fé

A mais completa edição sobre o Círio de Nazaré, em Belém, com as mais belas imagens da grande procissão paraense

Já nas bancas

Magia e Encantamentos da AMAZÔNIA

Nesta edição, uma abordagem de um tema que para muitos é considerado um tabu: **a magia e os encantamentos**



Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 424 * Fones: 222-6359 / 222-9802

Influência Bíblica no Imaginário Amazônico

Walcyr Monteiro

As lendas e mitos, assim como as histórias de visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia, apresentam uma variedade temática verdadeiramente incrível, capaz de impressionar os mais profundos conhecedores do assunto. Quem já classificou ou catalogou? Se alguém se dispôs a essa tarefa, desconheço. Na verdade, quanto mais se pesquisa, quanto mais se recolhe histórias, mais se acrescentam fatos novos e curiosos, tornando os temas abordados como que infindáveis.

O presente trabalho visa a mostrar a influência bíblica em histórias do imaginário amazônico, tendo três delas nítida influência do Antigo Testamento em épocas distintas e duas do Novo Testamento.

Vamos, pois, às histórias...!

O Dia do Descanso

"E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou neste dia de toda sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda obra que, como Criador, fizera."
(Bíblia Sagrada - Gn 2. 2.3)

Como Deus descansou no sétimo dia, os homens também tornaram o dia sétimo o do descanso, nele não trabalhando. E tal regra ou lei deve ser seguida por todos, senão...

D. Luiza Chaves Almeida, 56 anos, é amazônida residente em Macapá, capital do Estado do Amapá. Conhecedora e contadora de muitas histórias da região, sabe das coisas, dos segredos e mistérios da Amazônia. E foi D. Luiza quem narrou esta história, em fevereiro de 1999, que pode servir de lição para muita gente, principalmente para aqueles que não respeitam a lei do Criador e trabalham no dia sétimo, reservado ao descanso.

"- Havia um casal que morava às margens do Rio Amazonas, não lembro bem onde, mas com certeza era lá pros lados do Baixo Amazonas. O homem era muito trabalhador, ambicioso e passava os dias da semana recolhendo e quebrando ouriços de castanha-do-Pará, que vendia aos regatões. Isto aconteceu na década de trinta, mais ou menos em 1935. Quando chegava o domingo, ele ia caçar, ia atrás de caça para comer. Sua mulher chamava a sua atenção e reclamava:

- Marido, por que vais trabalhar dia de domingo? Temos comida para comer hoje!

O homem respondia:

- Ó mulher, domingo também se come...!

E todo domingo trabalhava, saindo para a floresta a fim de caçar.

Matava muita caça e voltava cheio dos bichos que pegava.

A mulher protestava, mais não adiantava.

- Mulher, domingo também se come...!

Até que um dia, numa bela manhã ensolarada de domingo, ele saiu para caçar. A mulher mais uma vez falou para ele ficar, que havia bastante comida. Mas o homem, teimoso que só ele, disse:

- Domingo também se come...!

E entrou no mato.

A mulher foi cozinhar e tratar de outros afazeres domésticos. Quando menos esperou, ouviu um barulho diferente ao redor da casa. Estranhou aquilo. Ninguém morava por perto. Ela então foi olhar pela ja-

nela. Não acreditava no que estava vendo. Um grande ser, peludo, pêlos grandes e grossos, com único olho na testa e boca que ia até à barriga, com um homem sem cabeça debaixo do braço, gritava:

- Domingo também se come!



Aterrorizada, reconheceu o Mapinguari, que tirava pedaços daquele corpo que carregava, comia e dizia:

- Domingo também se come!

Quase desmaiando de medo, viu que aquele corpo era de seu marido.

E o Mapinguari, devorando os restos falava:

- Domingo também se come!

O Mapinguari deu três voltas em torno da casa, sempre comendo e dizendo:

- Domingo também se come!

Apavorada, a mulher fechou a casa e ficou ouvindo o macabro ritual. Ao fim, o Mapinguari entrou na floresta.

A mulher, tão logo pôde, mudou-se para um lugar bem distante. Mas ficou na lembrança aquele dia em que o Mapinguari devorava o seu marido, comendo os pedaços e gritando:

- Domingo também se come!"

E você leitor? Também trabalha aos domingos? Se trabalha, lembre-se que até mesmo o Criador descansou no sétimo dia...!

Você escuta rádio?

Peça aos radialistas para tocarem músicas de autores e cantores amazônicos!

Você assiste televisão?

Escreva para a TV que você assiste pedindo programas regionais!

A Serra da Velha Pobre

Manhã ensolarada. São 9:00 horas do dia 10 de março de 1997. Bordo do barco motor Galileu II, no Rio Amazonas, em viagem de Almeirim para Prainha.

Ao tempo em que apreciava a bela paisagem das margens, a mata diversificada, o vôo dos pássaros, pensando como Deus foi benevolente com a Amazônia, fazendo da região uma extensão do paraíso, conversava com outro passageiro. Manoel José de Oliveira era seu nome, porém era mais conhecido como Zequinha Tenório, filho de Porto de Moz, já há muito tempo residindo em Prainha, e, do alto de seus 57 anos, conhecia muito as histórias da Amazônia e de seu majestoso rio.

Conversa pra cá, conversa pra lá, o assunto acabou na Serra da Velha Pobre... Se você é filho de Almeirim ou se já viajou pelo Baixo Amazonas, com certeza já ouviu falar nessa famosa serra! Se não, deixe que lhe conte o que segue.

A Serra da Velha Pobre está situada na Chapada Jutaí, na confluência do Rio Paru com o Rio Amazonas. É hoje considerada cartão postal do Município de Almeirim, e suas fotos ornamentam as propagandas turísticas feitas pela Prefeitura do Município, tão bem aproveitadas na administração de Aracy Bentes.

Em torno da Serra da Velha Pobre circulam muitas e muitas lendas, muitas e muitas histórias. Mas agora vou contar apenas uma, justamente a que ouvi de Zequinha Tenório...

Antes, porém, de passar a palavra ao velho morador da Amazônia, deixe lembrar-lhe uma passagem do Antigo Testamento, da Bíblia...

Você está se perguntando: - E a história é tão velha assim?

Ao que eu respondo: Deixe pra lá! Continue lendo e tire suas próprias conclusões.



"Tinha Noé seiscentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra.

*.....
Durou o dilúvio quarenta dias sobre a terra..."*

(Bíblia Sagrada - Gn 7.6 e 7.17)



Deixemos agora que o Zequinha Tenório conte a história da Serra da Velha Pobre...

"- Olhe, meu amigo, o que vou lhe contar eu ouvi do meu pai, que ouviu do meu avô e este por sua vez ouviu do meu bisavô, e assim por diante...! Quando o primeiro habitante chegou aqui, a serra já tinha este nome. E o que se sabe é que, no tempo do dilúvio, lá, naquela serra, vivia uma velha muito, muito pobrezinha, que não tinha condições, que não tinha recursos pra nada.

Quando ela viu que Deus ia terminar com tudo, com todos os pecadores, ela então suplicou:

- Meu Deus, por que eu também devo morrer? Por que eu também devo pagar pelo que não fiz?

As águas iam subindo cada vez mais e a pobrezinha da velha viu que ia morrer. Mas continuou orando:

- Meu Deus, sabes muito bem que sempre segui Tuas leis, sempre fui muito religiosa, sempre Te acatei. Sabes também que sou velha e pobre. Não tenho forças para construir um barco, nem tenho recursos para mandar fazer um... Não permite que as águas cheguem até onde moro...!

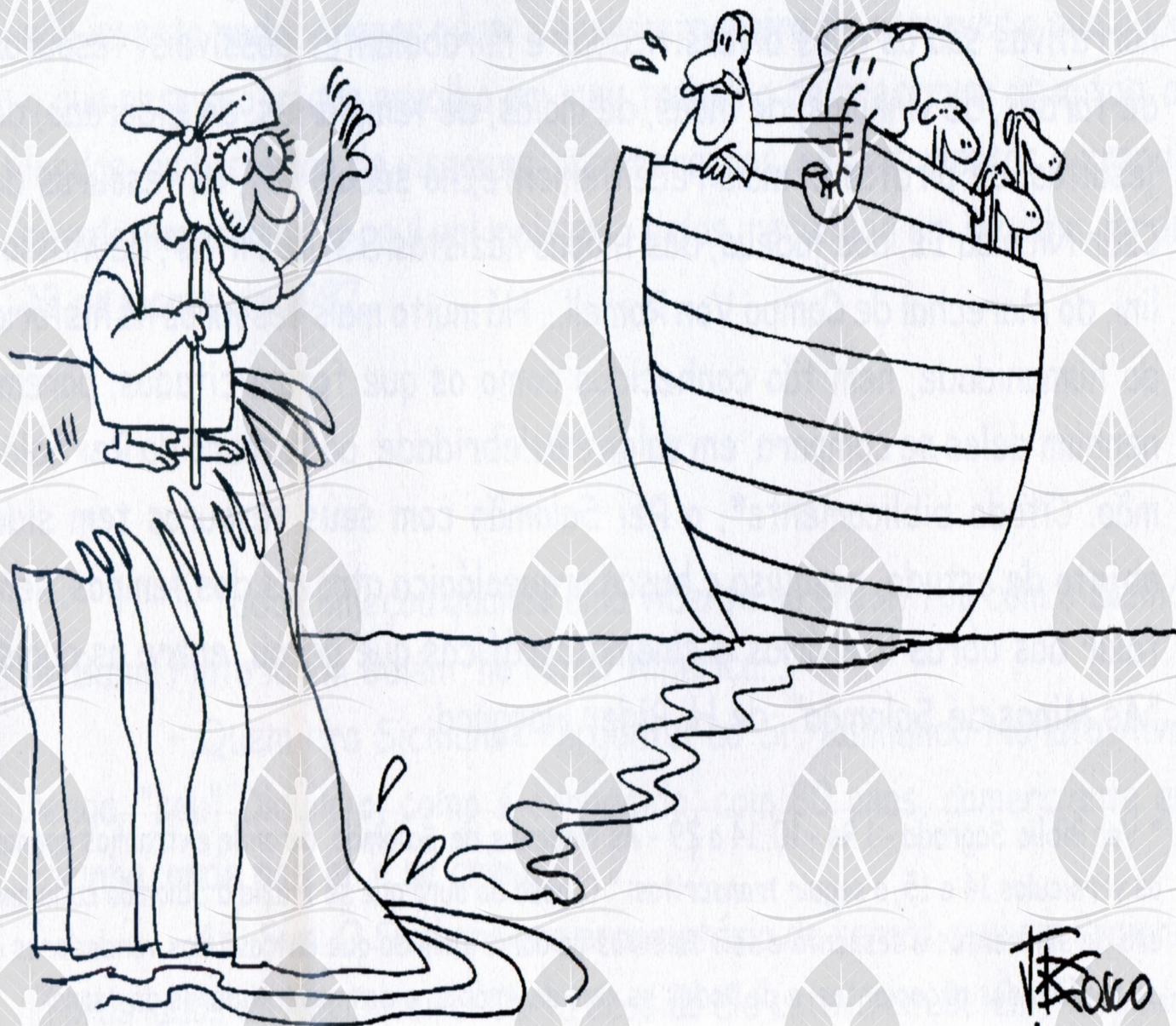
Deus, ouvindo suas súplicas, a abençoou e não permitiu que as águas do dilúvio alcançassem o topo da serra.

Quando as águas baixaram, ela foi encontrada lá, sã e salva. E então, em sua homenagem, a serra ficou sendo Serra da Velha Pobre."

E aí fiquei matutando: isto muda toda a história da Bíblia... pois não é que, além de Noé e sua família, houve mais um sobrevivente do dilúvio? E justamente na Amazônia, no Pará, em Almeirim? Pois é, foi a

Velha Pobre, cuja serra até hoje está lá, e você, leitor, se duvidar, vá verificar pessoalmente... Eu já fui.

E, depois, em outra viagem, até pedi ao comandante Ramide, do Navio Motor Catamarã Pará, anunciar e mostrar a Serra da Velha Pobre para os participantes do III Encontro IFNOPAP, ocorrido em julho deste 1999...



T. Koro

O Tesouro do Rei Salomão

Lendas e histórias de grandes tesouros são conhecidas em todo o mundo. Lendários ou não, tais tesouros têm mexido com a cabeça de muita gente, inclusive de milionários que financiam os caça-tesouros. As narrativas são as mais diversificadas e mirabolantes possíveis: tesouros de faraós, de vinkings, de incas, de maias, de templários, do Eldorado, de jesuítas, de piratas e, mais recentemente, no século XX, os tesouros do Czar Nicolau II, dos judeus, das tropas nazistas SS, de Hitler, de Mussolini, do Marechal de Campo Von Romell... Há muito mais tesouros na história da humanidade, nem tão conhecidos como os que foram citados, porém, nenhum deles se compara, em valor e celebridade, ao tesouro do Rei Salomão. Citado biblicamente*, o Rei Salomão com seus tesouros tem sido objeto de estudo, pesquisa e busca arqueológica através dos tempos, sem falar das obras literárias e cinematográficas que gerou, entre as quais, "As Minas de Salomão", de H. Rider Haggard.

* Ver Bíblia Sagrada - 1 Rs - 10. 14 a 29 - **As riquezas de Salomão**, de onde extraímos apenas os versículos 14 e 15, a seguir transcritos: " O peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro; além do que entrava dos vendedores e do tráfico dos negociantes, e de todos os reis da Arábia, e dos governadores da terra."

Até aqui, tudo bem. Agora, o que o leitor acha de uma parte do tesouro do Rei Salomão estar localizada... na Amazônia? Aliás, pensando bem, não há muito o que estranhar: não existem pessoas que afirmam que o trecho do Rio Amazonas que vai de Tabatinga até receber o Rio Negro, já em Manaus, conhecido como Rio Solimões, é uma corruptela de Salomão? E que tal denominação é justamente uma homenagem ao famoso rei?

O leitor deve estar se perguntando se não inventei tudo isto, ou, como já me argüiram de outras vezes, se isto não é ficção. Não, não é! Eu não invento nada. Apenas adapto à minha maneira de escrever o que ouço, o que pesquiso, o que recolho em meu trabalho de preservar os mitos, as lendas, as histórias de visagens, assombrações, encantamentos e crendices da Amazônia... E aqui vai mais uma delas, recolhida em Prainha, no dia 12 de março de 1997.



"- Tudo começou quando uma vidente se encontrou com o Siciliano Bahia Pinto lá em Belém, no Hotel América...

- Quem era Siciliano? Perguntei ao Sr. Raimundo Nonato Alvarenga, "seu" Diquinho, como é conhecido, com 80 anos, comerciante em Prainha, onde nasceu e se criou.

- Ah! Sim! O Siciliano era proprietário de terras aqui em Prainha, lá pros lados do Rio Outeiro. Certa ocasião ele estava em Belém, hospeda-

do no Hotel América. E foi lá que uma vidente procurou ele de tarde, pedindo para conversar. Então ela disse, entre outras coisas, que ele era um ricaço do Baixo Amazonas. Aí ele disse que não, que nem chegava a ser rico, quanto mais ricaço; que o ricaço que tinha na região era o coronel José Júlio de Andrade.

- É porque o senhor não sabe o que tem nas suas terras...! Falou a vidente.

- O que é que eu tenho nas minhas terras que nem eu sei?

- É um tesouro, um grande tesouro que está escondido há muito tempo, desde o tempo do Rei Salomão.

Siciliano não estava acreditando no que ouvia. Mas, sabe como é, né? falou em tesouro e ele ficou com a curiosidade aguçada. E procurou saber mais. A vidente, porém, lhe disse:

- Olhe, o senhor não está me acreditando. Vou lhe dar uma prova de que falo a verdade. Ontem eu tive uma visão de um prejuízo que o senhor teve lá nas suas terras. Um boi morreu. Quando chegar lá, pergunte ao seu vaqueiro se isto não aconteceu. E se não duvidar mais do que eu digo, volte então a falar comigo, que lhe contarei o resto...

Siciliano mal pôde esperar para chegar em Prainha. Aqui chegando, constatou o que a tal mulher tinha dito da morte do boi.

Aí fez de tudo para encontrar a vidente. Quando localizou, ela continuou o relato: - Durante o reinado de Salomão, veio uma expedição mandada por ele para procurar ouro. A expedição entrou pelo Rio Amazo-

nas e foi até o Rio Tapajós. Lá encontraram bastante ouro e carregaram o navio. Na volta, ao passarem por Prainha, viram um rio de água preta e resolveram subir por ele. Era o rio Urubuquara, que hoje se chama Outeiro. Subiram, subiram, subiram até encontrar terra firme, onde tinha uma caverna. Resolveram deixar parte do carregamento lá, para o que prepararam um lugar. E aí, por trás de um balcão de pedras, esconderam uma grande arca cheia de barras de ouro. Esta caverna e esta arca se encontram em suas terras...

- E por que eles não voltaram para buscar? Perguntou Siciliano.

- Eles pretendiam fazer isto. Mas quando o navio ia saindo da foz do Rio Amazonas para entrar no Oceano Atlântico, foi atingido por uma tempestade, naufragando, e com ele todos os tripulantes. Nenhum escapou: morreram todos. Acontece que o responsável pela expedição, sentindo-se culpado, transformou-se num passarinho, num passarinho completamente diferente das milhares de espécies que temos na região, pois ele tinha os olhos de fogo. Este passarinho, que é o espírito do comandante da expedição, ficou como vigia da caverna.

Siciliano ouviu tudo estupefato. Perguntou:

- É fácil de tirar o tesouro?

- Não, não é. Eu preciso fazer um estudo mais profundo e falar com o espírito do guardião da caverna, que está encarnado no passarinho de olhos de fogo...

- Você pode fazer isto pra mim?

- Posso, mas não agora. Vou a Manaus receber uma herança e, quando voltar, vou falar com o vigia para ver o que é necessário fazer. Mas tenho certeza que o tesouro será liberado, pois ele (o espírito-guardião, no caso) precisa também se libertar desta missão.

A vidente partiu com a promessa de voltar, após receber a herança a que tinha direito.

Enquanto esperava, Siciliano resolveu explorar a Serra de São Roque, local onde estaria a caverna. Contratou oito homens fortes e bons mateiros e foi até lá, conseguiu localizar a caverna e constatou que era guardada por um passarinho, que, ao vê-lo, saiu voando numa velocidade

incrível. Tentou entrar na caverna, mas não pôde: era muito



escura e nem as lanternas que levava conseguiam iluminá-la. Siciliano chegou à conclusão que só poderia fazer alguma coisa naquela caverna com o auxílio da vidente e a permissão do passarinho-guardião.

Siciliano ficou esperando pela vidente. Mas esperou em vão: após receber a herança em Manaus, quando se dirigia para cá a fim de auxiliá-lo a retirar o tesouro, teve uma febre muito forte, estuporou e morreu.

Siciliano ainda fez algumas tentativas, todas infrutíferas. Passando algum tempo, sempre pensando no tesouro, morreu também.

E assim, até hoje, ainda está lá o tesouro do Rei Salomão. Lá numa caverna, tendo como guardião um passarinho de olhos de fogo, que na verdade era o responsável e comandante da expedição... Lá na Serra de São Roque, localizada no Rio Outeiro, que, há muito tempo atrás, já se chamou Urubuquara... Está lá, esperando que um dia alguém o ache e possa usufruir do tesouro do Rei Salomão, guardado numa arca, atrás de um balcão de pedras, em Prainha, Estado do Pará, Amazônia...!"



E então, leitor? Quer se habilitar? Afinal não é todos os dias que se dá dicas de tesouros, muito menos ainda quando se trata do tesouro do Rei Salomão... Vá lá, vá...!

A Maldição da Sexta-Feira

Porto de Moz, Rio Xingu, Pará.

Dia 3 de março de 1997. Estava eu no bairro da Cabanagem, em uma casa situada à rua Santo Antonio, propriedade do Sr. Francisco Rodrigues da Silva, de apelido Velho. Nascido no Ceará, mas dos seus 76 anos, passou 72 no Pará, o que o fazia dizer cheio de orgulho "já sou paraense". Trabalhara grande parte de sua vida na Polícia Militar, de onde foi reformado como 2º Sargento.

Conversava com Velho sobre as visagens e assombrações da Região Amazônica - e Velho sabia muitas histórias - quando, ao contar uma que se passara numa sexta-feira, naquela cidade xinguana, perguntei:

- Por que essas assombrações só aparecem dia de sexta-feira? Se não a totalidade, pelo menos a grande maioria se passa sempre às sextas-feiras...! Por que será?

- O senhor não sabe?

Velho perguntou admirado. Afinal havia lhe dito que vinha pesquisando e coletando estas histórias há muitos anos, e ele parecia não entender como eu podia desconhecer uma coisa que, para ele, era bastante elementar.

- Não, não sei. Olhe que até já procurei saber, mas até hoje não tive uma explicação. Por que estas coisas só acontecem sexta-feira?

Velho olhava-me incrédulo. Então, cheio de autoridade, mas daquela autoridade humilde dos que realmente conhecem e sabem das coisas, ensinou-me o que há tanto tempo eu procurava saber.

- Porque foi numa sexta-feira que fizeram aquela malvadeza com Deus, com Jesus Cristo, né? Foi na sexta-feira que Nosso Senhor foi preso, condenado e crucificado. Então a sexta-feira tornou-se um dia maldito. Neste dia, todas as forças do mal, todas as energias negativas estão soltas, o mundo é envolto em trevas.



É por isso que, desde aquela geração, neste dia aparecem as matintas pereras, os lobisomens e tudo aquilo que representa as forças malévolas. É justamente ao contrário da quinta-feira, que é um dia abençoado...!

A explicação e os ensinamentos de Velho pareceram bastante lógicas e racionais. Como nunca pensara nisto antes? Claro que fazia sentido. Mas... e esta história agora da quinta-feira ser um dia abençoado? Nisto também eu nunca tinha ouvido falar. E cada vez mais curioso indaguei:

- A quinta-feira é abençoada? E por que então?

Velho, paciente com minha ignorância, benevolente e calmamente voltou a responder e ensinar.

- Porque foi na quinta-feira que Jesus fez a última ceia. Foi quando abençoou o pão, abençoou o vinho, abençoou e deu poder para os apóstolos pregarem seus ensinamentos e nos deu a salvação. É por isso que está na nossa memória que a quinta-feira é um dia abençoado...

E assim concluiu sabiamente o Velho.

Passou-me, em poucos minutos, lições que levei tanto tempo para aprender. E que agora passo a vocês, leitores, que ficam sabendo porque a sexta-feira é maldita e, de lambuja, que a quinta-feira é um dia abençoado...!

Na hora de viajar de férias, antes de conhecer outras regiões, conheça a Amazônia. Viaje pelo interior do Pará, Vá ao Amapá, ao Amazonas, ao Acre, a Roraima e a Rondônia!

13: O Número da Traição e do Azar*

O Evangelho Segundo Mateus: *"Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos. E enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.*

.....
Então Judas, que o traía, perguntou: Acaso sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste".

(Bíblia Sagrada - Mt 26. 20-21-25)



Entre muitos povos, de maneira quase planetária - e na Amazônia não podia ser diferente - é o número 13 considerado azarento. Se está associado à sexta-feira, é muito pior, e, finalmente, se os dois juntos forem no mês de agosto, então nem se fala...! Têm que ser tomadas todas

* Esta narrativa é baseada em reportagens publicadas em "O Liberal", de sexta-feira, 13 de janeiro de 1989 e de domingo, 1º de agosto de 1999.

as precauções, melhor mesmo é nem sair de casa... Há mesmo ditos populares: sexta-feira, dia da feiticeira; agosto, mês do desgosto.

Mas por que tal crença com o número 13?

Independente de uma série infindável de fatos, inclusive históricos, considerados azarados ou agourentos envolvendo o 13, atribui-se principalmente à última ceia de Jesus Cristo: dela, além de Jesus, participaram os doze apóstolos, formando, portanto, 13 comensais, sendo que o

13º convidado era justamente Judas Iscariotes, que traiu Jesus Cristo, entregando-o aos seus perseguidores, que o crucificaram. Isso é o que o povo conta!

E desde então o número 13 é considerado símbolo da traição e do azar. Há mesmo, na região, quem não faça refeições com mais doze pessoas; há crença que uma, com certeza, irá morrer...! Sem falar em todas as demais maldições atribuídas ao fatídico 13...



T. Baco

Deu no jornal...!

Na nossa seção deste número 6, para seguir a linha dos temas abordados, transcrevo parcialmente o noticiário do jornal "O Diário do Pará", de sexta-feira, 13 de março de 1992, página A-9. Aliás, a imprensa paraense sempre publica reportagens envolvendo a sexta-feira, o número 13 e ainda o mês de agosto.

Sexta-feira 13 de um ano bissexto. Quem tem medo?

"Com quase 70 anos dos quais 35 na venda de ervas, "Peruana" tem muita história para contar de casos ocorridos durante as sextas-feiras 13. Mesmo parecendo pura fantasia, ela assegura que assistiu, há muitos anos, um fato curioso. Aos 12 anos de idade, ela presenciou uma vizinha alertando seu marido para que não fosse pescar na sexta-feira 13, contudo, ele insistiu e foi atrás do peixe alegando que não tinha outra alternativa de arranjar comida. "A primeira vez que ele jogou a rede de pesca, conseguiu alguns peixes. Porém, com a repetição do ato, o homem trouxe uma terrível caveira ao invés de pescado. Ele morreu louco", contou.

A outra estória da "Peruana" diz que uma mulher foi para o mato, também em plena sexta-feira 13, e virou macaco por estar menstruada. Conforme disse, todos os vizinhos a advertiram para que ela não fosse. Tudo em vão. A mulher saiu para a floresta e se transformou em primata."



Orlandina Maciel Samento Silva, a "Peruana".

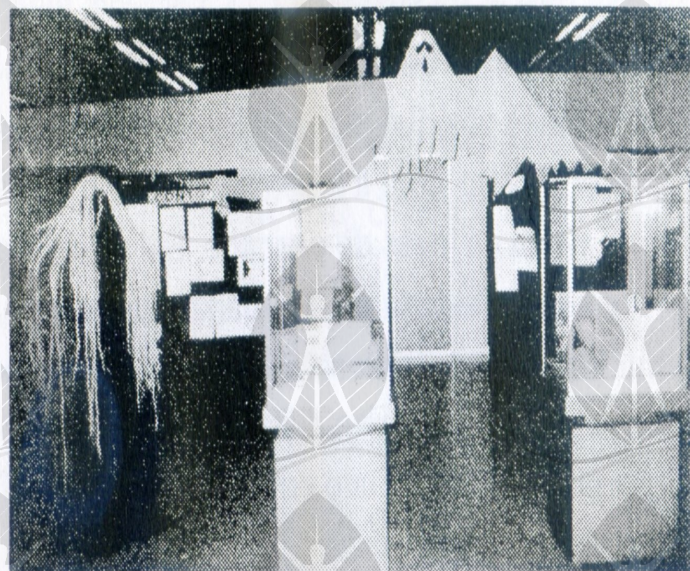
Visagens no Centur

Com muitos fantasmas, caveiras e até uma Matinta Perera foi como ocorreu a exposição "Amazônia Mística - Seus Encantamentos e Assombrações" no hall do 3º andar do Centur, promovida pela Secult, (leia-se Rosa Lourenço, Maria do Socorro Baía dos Santos, Cecilian Gouvêa, Terezinha Loureiro, Rodolfo Cerveira e João Bento, da Biblioteca Pública Arthur Vianna), de 18 de agosto a 10 de setembro do corrente ano. Ali foram expostos os trabalhos de Walcyr Monteiro em livros, revistas, jornais, bem como opiniões sobre o autor de críticos literários e jornalistas.



O espaço Cultural do Restaurante Curupira, recentemente criado, através de G.S. Eventos, dirigida por Gilvânia Sóter, solicitou empréstimo do material e realizou idêntica exposição, que foi de 19 de setembro até 13 de outubro. No dia da inauguração desta última Walcyr autografou seus trabalhos para os que ali compareceram.

Nas fotos, o registro da exposição no Centur.



Visagens por aí...

Ecoss do III IFNOPAP



Walcyr Monteiro ao apresentar seu trabalho *Influência Bíblica no Imaginário Amazônico* - que compõe este número 6 -, na Casa da Cultura de Santarém. Compuseram a mesa, entre outras autoridades, o sr. Hélcio Amaral Souza, Coordenador Municipal de Cultura, o representante do prefeito Lira Maia, o comandante Ramide, do Catamarã Pará, a professora Ana Suely e a Coordenadora Socorro Simões.

Na ocasião Walcyr prestou homenagem ao IFNOPAP, na pessoa de sua coordenadora, ofertando à biblioteca do projeto os seus trabalhos. Também aos velhos lobos dos rios amazônicos, como chamou aos práticos, pilotos e comandantes de barcos e navios motores e demais

embarcações que singram o rio Amazonas e seus afluentes, representados pelo comandante Ramide. Na ocasião Walcyr destacou que estes aquaviários, além de transportarem passageiros e cargas, ainda tinham que competir com os botos, pois, segundo a lenda, o marinheiro tem uma mulher em cada porto... O comandante Ramide, emocionado, agradeceu a singela homenagem.



Walcyr Monteiro e a professora Maria do Socorro Simões, Coordenadora do IFNOPAP da UFPA.

Palestras

Ônibus Biblioteca no Paracuri - Icoaraci



Convidado para palestra sobre o folclore amazônico, em particular as lendas, mitos, visagens, assombrações e encantamentos, pela Biblioteca Avertano Rocha, dirigida por Sílvia Fernandes, Walcyr Monteiro não se fez de rogado e foi juntamente com o Ônibus Biblioteca para o bairro do Paracuri, em Icoaraci. E na manhã plena de sol os estudantes, jovens e demais moradores daquele distrito ouviram - e também contaram - muito interessadamente as histórias do nosso lendário. Diga-se de passagem que a Biblioteca Avertano Rocha, com seu ônibus biblioteca e o projeto O Escritor na Escola, é a única que dá prosseguimento a projetos similares iniciados há anos pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, justamente os de ônibus bibliotecas (que devem procurar leitores nos bairros mais afastados) e o "O Escritor na Cidade", este realizado em convênio com o Ministério da Cultura.

Registros

Recebi:

- Do confrade Jacob Soares uma coleção completa do Informativo Docas do Pará, que contém, em vários de seus exemplares, histórias de visagens e assombrações narradas pelos funcionários daquela autarquia. Publicadas geralmente na seção Gente da Casa, constituem valiosa fonte de informações para quem quiser saber das histórias que se passam principalmente no distrito de Val-de-Cans. Agradecido pela gentileza do Jacob, velho companheiro de imprensa e do Sindicato dos Jornalistas do Pará.

- Da professora Maria do Socorro Simões:

Prezado(a) Prof. (a): Waleyr
Monteiro
A Coordenação do Projeto IFNOPAP agradece a sua participação no III Encontro "Memória e Comunidade": entre o rio e a floresta, realizado no período de 23 a 29 de julho de 1999, a bordo do "Catamarã Pará".
Esperando poder contar com o seu apoio, numa outra oportunidade, despedimo-nos, com apreço.
Maria do Socorro Simões
Maria do Socorro Simões

Agradecimentos

De 28 de fevereiro a 16 de março de 1997 eu, juntamente com a professora Maria de Nazaré Paes de Carvalho, esta prestando assessoria às prefeituras de Porto de Moz, Prainha e Almeirim, viajei para esses municípios com a finalidade de recolher histórias da região e, ao mesmo tempo, fazer palestras para estudantes e a comunidade, visando sempre a preservação e divulgação da Cultura Amazônica. Os objetivos foram plenamente atingidos.

Viajando em barcos, navios motores, lanchas e voadeiras, das quais anotei Maturu, Rei Manoel, Galileu II e Clívia, navegando pelo Rio Amazonas, furos e paranás, como Aquiqui, Jutai, Chicaia, Paranaquara, Cajueiro e Outeiro (antes Urubuquara), entre outros, a viagem proporcionou farta coleta de material, como três das narrativas que constituem a presente publicação (A Serra da Velha Pobre - Almeirim, O Tesouro do Rei Salomão - Prainha e a Maldição da Sexta-feira - Porto de Moz).

Não posso, pois, deixar de agradecer, embora decorridos mais de 2 anos, aos prefeitos Gerson Campos (Porto de Moz), Aracy Bentes (Almeirim) e Gandor Hage (Prainha) e seus secretários de Educação e/ou Cultura, bem como a minha colega e amiga Maria de Nazaré Paes de Carvalho (sabe? é a Nazarezinha, que tanto luta pela nossa cultura e uma das fundadoras da Academia Paraense de Samba!) pelo apoio recebido e que agora começa a frutificar. Produto desta viagem, muitas histórias mais virão...

Igualmente, quero agradecer ao companheiro Gil Reis pelo patrocínio, juntamente com a TAM e o Shopping Macapá, de minha viagem a Macapá, Estado do Amapá, onde foram lançados meus trabalhos e também realizadas palestras e entrevistas, não somente em colégios como na televisão, destacando o programa do Gil Reis (TV Marco Zero), Programa da Janete (TV Marco Zero), TV Amapá e TV Record.

Fazendo base em Macapá (residência do Sr. José de Ribamar Almeida), outras viagens foram realizadas (Mazagão e Mazagão Velho) e novas histórias coletadas, entre as quais O Dia do Descanso, que inicia este número de Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.

A todos os meus sinceros agradecimentos, inclusive aos que humilde e pacientemente, relataram as histórias...



C O P R E F E I T U R A
D E B E L E M
G o v e r n o D o P o v o

*Quando viajar por via fluvial, não jogue garrafas,
latas e outros detritos no rio. Vamos preservar o meio ambiente!
Afinal, o rio não é lixeira...
O Boto, a Cobra Grande, a Iara e demais seres
encantados e viventes aquáticos agradecem!*

ISTO NÃO É LENDA !



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO !



**BANCO DA
AMAZÔNIA**

O primeiro e único banco da Amazônia



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA